

Ministério do Turismo e Banco de Desenvolvimento
de Minas Gerais apresentam

Affonso Uchôa
Desali

Sangue de bairro

18/11 – 23/01/2022





A exposição *Sangue de Bairro* traz a série fotográfica de Affonso Uchôa e Desali e encerra o Ciclo de Mostras BDMG Cultural 2021.

Um ciclo que nasceu com a seleção pública de projetos em 2020 e se apresenta em 2021 ainda em meio ao tempo estendido, difícil e improvável da pandemia que nos toma desde o ano passado.

Sangue de Bairro é uma mostra contundente e intimista ao mesmo tempo, revelando o olhar dos artistas para o Bairro Nacional, território periférico onde eles cresceram e moram em Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte. Retratos e a captura de momentos do cotidiano do bairro compõem uma mirada única para o universo periférico, a violência e o êxtase da vida diária.

A dupla Uchôa e Desali compõe o grupo de artistas que se apresentou este ano de forma presencial, com a Galeria podendo ou não ser visitada a partir das normas sanitárias vigentes, e sempre virtual, com a disponibilização de uma plataforma digital especialmente concebida para o ciclo.

O BDMG Cultural segue, neste momento, no compromisso de contribuir para a reflexão acerca do nosso tempo, de estabelecer diálogos de toda ordem com a nossa imaginação, com o devir e com a arte e a cultura.

BDMG Cultural



Sangue de Bairro, Puro Sangue

Dá pra pensar essas fotografias "Sangue de Bairro", do Affonso Uchôa e do Desali, do ponto de vista do cachorro de rua, aquele mesmo que olha, com apetite de festa, a moça numa das imagens do conjunto, bunda pra nós, em frente à máquina de música.

O cachorro de rua, dentro de casa, continua na rua, é puro bairro: nas fotos os pixos pulam pro meio das casas, com recados, pequenos diários nas paredes dos cômodos, anotações, tags internas que fazem par com os desenhos de vergalhões compondo pintura no céu, as sombras, as marcas do concreto no sol de rachar, o coração e a planta colados num muro de outra fotografia, tão apaixonados como um tiro de pó compartilhado em cima do celular. O cachorro olha sem espanto o mundo que quer viver esse amor furioso, tem arma em cima da cama que ele olha sem saber o que é. Pra se viver tem que ter uma vontade de tiro que ele tem, só cai se enxotado. E se enxotado, não sai. Ele é uma permanência. Uma assinatura. O cachorro de rua é a única coisa que a gente tem, é uma memória embaixo da pele, o cachorro de rua é uma urgência que vai nas fotos, essa pouca parada da pessoa pra olhar a objetiva e dizer que a tattoo sou eu, o dedo esticado em arminha, a mão na cara sou eu, o riso largo também, a bunda pra objetiva é meu apetite, porque a gente do Nacional, esse bairro de Contagem em Minas Gerais, que aparece aí, não tem fome como o noticiário planta, é povo do apetite, você já reparou que, enquanto der comida, o cachorro de rua come? Isso não é fome. É vontade de esplendor (palavra, aliás, que os artistas usam pra descrever a atmosfera do trabalho).

O cachorro de rua não tem partido político, nem teoria estética, não tem pudorzinho de olhar com pena pro sujeito que usa crack, aliás, a moça da máquina é trans, cis, é puta, evangélica? Pro cachorro tanto faz, ele não mexe com gratidão, resiliência, empoderamento, palavra de ordem. Ele está. Ou você está dentro do lugar ou é mentira. O cachorro de rua que aparece no bar nunca foi e nunca é de fora do mundo. Ele entra na casa de porta aberta e vê a dona pelada e os colchões empilhados, o rango arrumado rápido, o cachimbo, alguém que saiu do banho, um resto de pinga, tudo posto em altar (outro termo dos artistas pra identificar várias imagens). A gente pensa que o altar do ritual é um lugar muito arrumado, com uns objetos dispostos em duplas, umas paralelas, uma geometria de reta. Às vezes tem disso aí sim. Mas o ritual é também um desacerto porque só existe se alguém deixa uma pegada ali, todo rito é resto, como os tocos de vela de altar que sobram num templo ou o fogão imundo e a marca do bafo do cachorro de rua que fica no vermelhão do buteco onde se deitou. Tem uma outra ordem esse altar com roupas jogadas num canto nas fotografias, é uma organização mais cachorra do rito. A gente vê uma bíblia aberta com uma carteira de trabalho em cima (a vida sendo rescindida sempre e sempre voltando pra casa, como o cachorro de rua). Perto da carteira tem uma foto puxando a vista pra imagem dentro da imagem, pra que a gente perambule por lá como o cachorro, em estado de esplendor ignorante, estado de rito, tudo é ritual, tudo é marca desse apetite.

O cachorro de rua, esse famoso bicho não pet, sempre pertenceu ao mundo, a esse mundo de Contagem, se enxotado, permanece, repito, se morto, fica. É uma insistência, um estado, não tem pena ou horror, é uma coisa que atravessa. A moça da fotografia que o bicho olha lá em cima neste texto é a Sandra, chamada também de Sandrão no bairro. O "ão" do aumentativo é um som único da nossa língua, é um esplendor, tem de falar com a boca cheia. Sempre dá a impressão de que o "ão" é um som vermelho como o Nacional, assim mesmo, passional como o cachorro de rua, puro sangue.

Marta Neves

LISTA DE PREÇOS	
ESPECIAL	10.00
X.TUDO	13.00
XGGBEI COM	8.00
HAMBURGUE	5.50
MISTO QUENTE	3.50
CAJ. HORROR	3.50





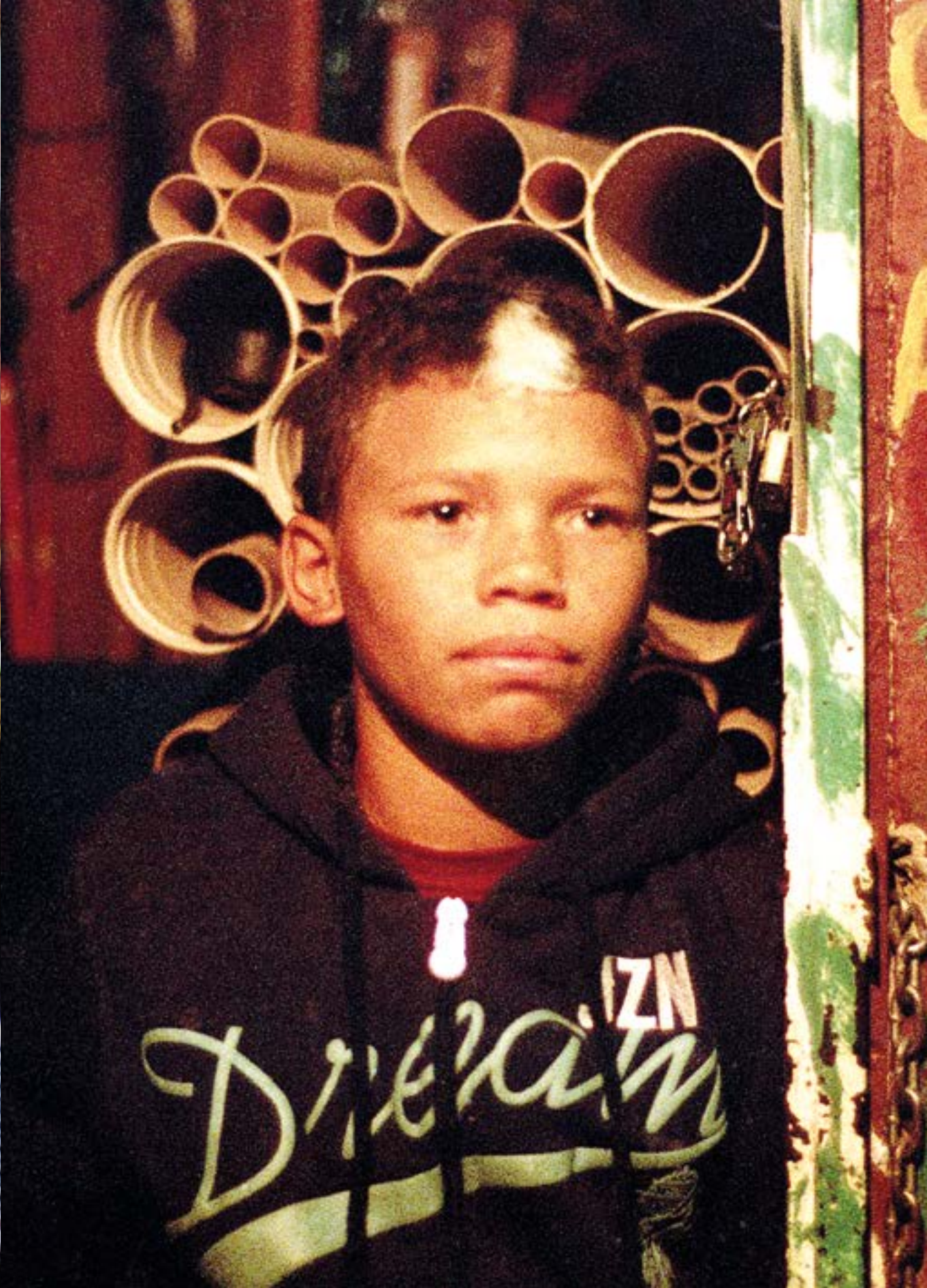
















Mãos do rolê

Série Sangue de Bairro
Fotografia 35mm
26,5 x 40cm
2008-2021

Neguin a caminho da Vila

Série Sangue de Bairro
Fotografia 35mm
53,3 x 80cm
2008-2021

A tatuagem de Isaías

Série Sangue de Bairro
Fotografia 35mm
53,3 x 80cm
2008-2021

**Neguin no bar
do Ró ao sol da tarde**

Série Sangue de Bairro
Fotografia 35mm
66,6 x 100cm
2008-2021

Fael ocultando Marcelo da Vila

Série Sangue de Bairro
Fotografia 35mm
26,5 x 40cm
2008-2021

Ted no seu quintal

Série Sangue de Bairro
Fotografia 35mm
53,3 x 80cm
2008-2021

Um corpo na noite

Série Sangue de Bairro
Fotografia 35mm
53,3 x 80cm
2008-2021

Garoto com olhos densos

Série Sangue de Bairro
Fotografia 35mm
53,3 x 80cm
2008-2021

Fogão

Série Sangue de Bairro
Fotografia 35mm
53,3 x 80cm
2008-2021

Maikin e imagem

Série Sangue de Bairro
Fotografia 120mm
80 x 80cm
2008-2021

As devoções de Menor

Série Sangue de Bairro
Fotografia 35mm
53,3 x 80cm
2008-2021

Lili e Maria

Série Sangue de Bairro
Fotografia 35mm
53,3 x 80cm
2008-2021

Ariane se prepara para ir a aula

Série Sangue de Bairro
Fotografia Digital
53,3 x 80cm
2008-2021

Ratão e a lembrança da mãe

Série Sangue de Bairro
Fotografia 35mm
53,3 x 80cm
2008-2021

**Maurício e Edmar
na sua antiga casa**

Série Sangue de Bairro
Fotografia 35mm
53,3 x 80cm
2008-2021

A família de Cecília

Série Sangue de Bairro
Fotografia 35mm
53,3 x 80cm
2008-2021

Sandrão, a bunda e o som

Série Sangue de Bairro
Fotografia 35mm
66,6 x 100cm
2008-2021

Garoto com mecha no cabelo

Série Sangue de Bairro
Fotografia 35mm
53,3 x 80cm
2008-2021

Sertanejo no bar do Peixinho

Série Sangue de Bairro
Fotografia 35mm
53,3 x 80cm
2008-2021

Armário

Série Sangue de Bairro
Fotografia Digital
53,3 x 80cm
2008-2021



Affonso Uchôa

1984, São Paulo – Brasil. Vive e trabalha em Contagem – Brasil. Affonso Uchôa é cineasta e fotógrafo. É diretor dos filmes MULHER À TARDE (2010), A VIZINHANÇA DO TIGRE (2014) e SETE ANOS EM MAIO (2019), e também codiretor do filme ARÁBIA (2017). Seus filmes foram exibidos em diversos festivais ao redor do mundo, como os Festivais de Roterdã (Holanda), Viennale (Áustria), Festival de Toronto (Canadá), Festival de Brasília (Brasil), Mostra de Tiradentes (Brasil) e Festival de Mar del Plata (Argentina), além de importantes instituições como a Cinemateca Francesa (França), Arsenal (Alemanha) e o *Anthology Film Archive* (EUA). Em fotografia desenvolveu, junto ao artista visual Desali, os trabalhos IZIDORA, PRESENTE (Exposto na galeria Mari' Stella Tristão - Palácio das Artes, Belo Horizonte, 2016) e SANGUE DE BAIRRO (Exposto na galeria do BDMG Cultural, Belo Horizonte, 2021).

Desali

1983, Belo Horizonte – Brasil. Vive e trabalha em Contagem – Brasil. Desali é formado em Artes Plásticas pela Escola Guignard (UEMG), Participou das exposições: "Enciclopédia Negra" na Pinacoteca de São Paulo; exposição "Carolina Maria de Jesus: Um Brasil para os brasileiros", no Instituto Moreira Salles; "Sertão", Panorama 36 no MAM, Bolsa Pampulha no MAP e 32 edição do Salão Arte Pará, já fez parte de residências, exposições, coletivos e particulares no Brasil e no exterior, possui obras adquiridas pelo Centro Cultural São Paulo (CCSP), no acervo "Arte da Cidade", no acervo da Museu de Arte da Pampulha (MAP) e no acervo da Pinacoteca de São Paulo. Criador do Coletivo Piolho Nababo, há dez anos em Belo Horizonte, viaja por múltiplas linguagens, incluindo grafite, fotografia, vídeo e intervenção urbana, promovendo o contato entre a margem e o centro, questionando as instituições artísticas tradicionais e seu colonialismo, contaminando esses espaços com as ruas.

BDMG Cultural

Presidente
Gabriela Moulin

Diretora financeira
Larissa D'Arc

**Coordenador
Artes Visuais**
Érico Grossi

**Coordenadora
Acervo**
Paula Lobato

Projeto gráfico
Rafael Amato

Comunicação
Paulo Proença

Retrato artistas
Miguel Aun

**Apoio à produção
da série**
Rafael do Bronx
Wederson Neguinho
Maurício Mixone

**Tratamento das
imagens da exposição**
Felipe Chemicatti

**INSTALAÇÃO SONORA
"RÁDIO NACIONAL"**

Concepção
Affonso Uchôa, Warley
Desali, Francisco Cesar
e Lucas Moraes

Edição e montagem
Francisco Cesar
e Lucas Moraes

VÍDEO "AGRAVO"

Direção
Affonso Uchôa

Montagem
Luísa Lanna
e Wesley Figueiredo

**Comissão seleção
ciclo de mostras 2021**
Janaína Melo
Juliana Gontijo
Leonora Weissmann

ciclo de mostras bdmg cultural 2021

Clarice G Lacerda

Lucimélia Romão e Jessica Lemos

Marc Davi

Affonso Uchôa e Desali

Acesse a exposição online

mostrasbdmgcultural.org/affonsoedesali

Galeria de Arte BDMG Cultural

Rua Bernardo Guimarães

1600 Lourdes



Lei de Incentivo à
CULTURA

PATROCÍNIO E PRODUÇÃO:

BDMG,
CULTURAL



PARCERIA:



**CIRCUITO
LIBERDADE**



iepha
MINAS GERAIS

CULTURA E
TURISMO



**MINAS
GERAIS**

GOVERNO
DIFERENTE
ESTADO
EFICIENTE.

REALIZAÇÃO:

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL